

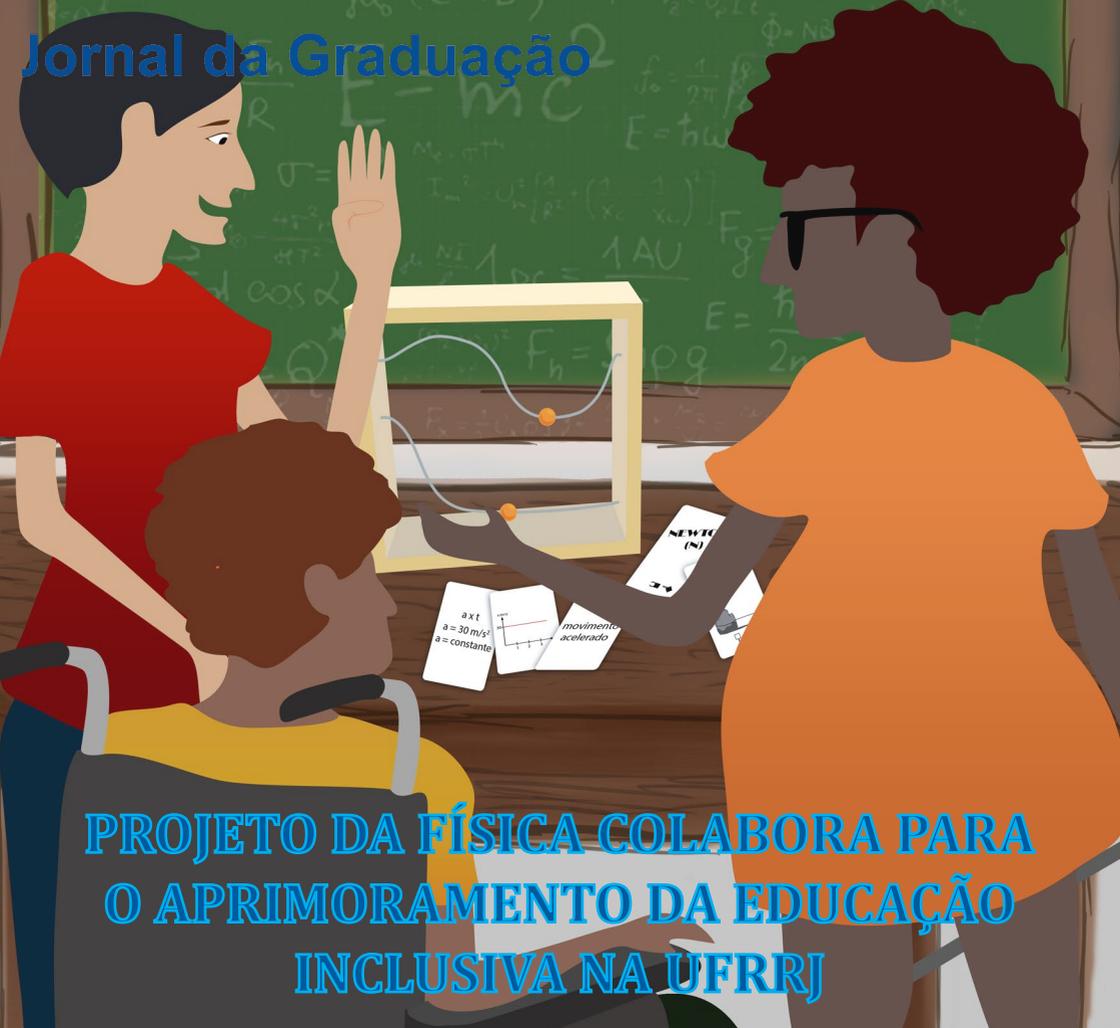


PROGRAD

Ano 7 - Número 2 - Abril de 2017

JG

Jornal da Graduação



PROJETO DA FÍSICA COLABORA PARA O APRIMORAMENTO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA UFRRJ

Colação de Grau:
mais de 750 egressos concluíram
a graduação em 2016-2

(p. 02)

Lígia Machado, ex-pró-reitora
de Graduação, comenta sobre o
encerramento de sua gestão

(p. 03)

Aulas Magnas de 2017-1:
eventos contaram com ampla
participação de ingressantes

(p. 12)

PROGRAD E REITORIA REALIZAM 13 SESSÕES SOLENES DE COLAÇÃO DE GRAU

► Por Kleber Costa

A primeira semana de abril foi marcante na vida de 755 concluintes de cursos de graduação da Rural. Isso porque a Instituição realizou, de 03 a 07 de abril, 13 Sessões Solenes de Colação de Grau.



Reconhecimento. Reitor da UFRRJ, Ricardo Luiz Louro Berbara, parabeniza formandos durante Colação de Grau em Seropédica



Ética. Concluintes fazem juramento, no Câmpus Nova Iguaçu, e se comprometem à respeitar seus semelhantes e o meio ambiente



Conclusão. Formandos em Três Rios recebendo a imposição de grau

No primeiro dia (03), foram realizadas três colações no Câmpus Nova Iguaçu, todas elas no auditório do Instituto Multidisciplinar, que ficou lotado em cada cerimônia. Familiares, amigos e colegas de curso dos formandos se fizeram presentes e compartilharam desse momento ímpar na vida de cada graduado. As Sessões Solenes de Nova Iguaçu foram presididas pelo magnífico reitor da UFRRJ, Ricardo Luiz Louro Berbara, ou pelo pró-reitor de Extensão, Roberto Carlos Costa Lelis.

No Câmpus Seropédica foram realizadas nove cerimônias. O auditório Gustavo Dutra, o famoso “Gustavão”, como tradição, foi o palco das solenidades. No rosto de cada novo graduado observamos a expressão de dever cumprido. As Sessões Solenes de Colação de Grau de Seropédica foram presididas pelas seguintes autoridades acadêmicas: o magnífico reitor da UFRRJ, Ricardo Luiz Louro Berbara; o vice-reitor, Luiz Carlos de Oliveira Lima; o pró-reitor de Graduação, Joecildo Francisco Rocha; e o pró-reitor de Extensão, Roberto Carlos Costa Lelis.

No último dia (07), foi a vez dos formandos do Câmpus Três Rios receberem a imposição de grau através do pró-reitor de Graduação, Joecildo Francisco Rocha. O auditório do Instituto Três Rios ficou lotado de amigos e familiares dos formandos dos quatro cursos existentes no Câmpus. ■

EXPEDIENTE:

Pró-Reitor de Graduação: Joecildo Francisco Rocha / **Pró-Reitora Adjunta de Graduação:** Waleska Giannini Pereira da Silva / **Jornalista Responsável:** Kleber Costa / **Web Designer:** Vitor Apolinário / **Estagiários da Assessoria de Comunicação da Prograd:** Allan Rabelo, Eduardo de Oliveira, Fellipe Sousa, Gabriela Maia, Gustavo Carvalho, Letícia Noda e Wallerya Rosa / **Design Gráfico e Diagramação:** Kleber Costa e Wallerya Rosa / **Arte de Capa:** Wallerya Rosa.

Rodovia BR 465 (Antiga Rodovia Rio-São Paulo), Km 7, Sala 94 do Pavilhão Central da UFRRJ Seropédica/RJ – 23897-000. Telefones para contato: (21) 2682-1112 / (21) 2682-2911 / (21) 2681-4700

E-mail: assessoriaprograd@ufrj.br / Twitter: @prograd_UFRRJ / Facebook: [facebook.com/PROGRAD.UFRRJ](https://www.facebook.com/PROGRAD.UFRRJ)

LÍGIA MACHADO SE DESPEDE DA PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO COM GRANDES ENSINAMENTOS

► Eduardo de Oliveira

Em 24 de março, a professora Lígia Cristina Ferreira Machado, em seu último dia como pró-reitora de Graduação da UFRRJ, se despediu da Prograd com sentimento de dever cumprido. Também não é à toa: foram muitas lutas com vitórias significativas que deixarão um legado para Comunidade Acadêmica ao longo desses últimos quatro anos.

O Jornal da Graduação entrevistou Lígia Machado para saber quais foram os avanços, as dificuldades e os aprendizados que ela teve à frente da Pró-Reitoria de Graduação.

Jornal da Graduação (JG): Lígia, conte-nos um pouco sobre a sua trajetória profissional até o momento em que se tornou pró-reitora de Graduação da UFRRJ.

Eu ingressei na carreira docente na Universidade Rural em 2008, na área de Ciências e Estágio Supervisionado, no Câmpus de Nova Iguaçu. Na época, a Universidade estava em processo de expansão, tanto a área docente quanto a discente. E nesse processo de expansão, tive o privilégio de assumir a chefia do Departamento de Educação e Sociedade, no qual eu também sou lotada. A partir daí, comecei a investir nesse projeto de universidade no qual eu acredito que a Universidade em si, tem que ser gratuita e de qualidade, tornando cada vez mais inclusiva em todos os seus sentidos. A partir dessa discussão, meu nome foi indicado como pró-reitora de Graduação na chapa da professora Ana Dantas e eu topei o desafio. Minha gestão iniciou em 2013 com o grande desafio em conduzir o seguimento da graduação, num período pós-Reuni. Não tivemos um crescimento pequeno, muito pelo contrário, a Rural duplicou o número de seu curso, passando a ter 57 cursos, ao aderir ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni).

EDUARDO DE OLIVEIRA / ASS. COM. PROGRAD



Gestão. Lígia Machado foi pró-reitora de Graduação da Rural no quadriênio 2013 - 2017

JG: As demandas proposta pela gestão foram atendidas?

Com o crescimento significativo dos alunos em decorrência da expansão da Universidade, sabíamos que não seria um período fácil. Tínhamos toda essa responsabilidade de tratar todas as demandas após a Universidade decidir em fazer adesão ao Reuni e em se expandir em termos de áreas de conhecimento a ser ofertadas. Com isso, a Universidade deixou de ser agrária; dando oportunidade as áreas de Ciências Humanas. Crescemos também com cursos na área de licenciaturas e principalmente, graduações em período noturno. Porque sabemos que esse horário privilegiaria estudantes que já estão ingressados ao mercado de trabalho e que têm o objetivo de conquistar a tão sonhada graduação. Esse era o intuito inicial da Pró-Reitoria que fora solucionado.

JG: Professora Lígia, como é a relação de pró-reitora e de professora com os alunos?

A primeira decisão a qual me deparei, era saber se eu conseguiria assumir o cargo de pró-reitora simultaneamente ao de professora. Por conta de muitos compromissos como reuniões internas e externas, você precisa estar disponível. Então tomei a seguinte decisão: afastar-me da sala de aula. Mas eu não me afastei da docência, muito pelo contrário, continuei ajudando

e orientando os alunos da graduação, pois a minha posição de pró-reitora me permite isso. Com essa tarefa contínua, pude lidar muito bem com isso, porque temos tanto a questão administrativa quanto a conduta que o aluno deve ter, das escolhas, organização da sua trajetória acadêmica, entre outras coisas. Ao mesmo tempo em que eu podia trabalhar isso, também podia trabalhar com outras questões específicas relacionadas. Após dois anos como gestora da Pró-Reitoria de Graduação, retornei a docência, mas no Mestrado de Educação de Ciências e Matemática. Um curso oriundo do projeto de expansão da Universidade tanto da graduação, como da pós-graduação. Tudo isso como seleção natural, pois mesmo assumindo a Pró-Reitoria, não deixei de ser docente.

JG: O que a senhora aprendeu nesse tempo como e enquanto pró-reitora?

Eu penso que é um grande aprendizado, porque tem que lidar com a delicadeza que a Prograd exige a você. No sentido da compreensão do outro, de tolerância, paciência e sabedoria, isso é por um lado. Do outro, tem a questão das normativas. Estar nesse lugar de gestão, me fez de forma particular, enfrentar com essa articulação entre o sensível e o humano, no intuito de tomar decisões. Mas sabemos que decisões tomadas nem sempre vão agradar a todos, mas são aquelas dentro de determinadas circunstâncias. Então é preciso ter a sensibilidade de lidar com o outro colega que faz parte gestão, do aluno, da família do aluno e tomar as decisões cuidadosamente.

Aprendemos sobre a delimitação. A gestão em si não pode se desprender da dimensão social, histórica, cultural e física. Então foram quatro anos trabalhando a condução da graduação e a apropriação de muitas áreas de conhecimento. Poder trabalhar com diversos cursos e suas áreas é importante, pois você conhece o perfil de cada curso, as demandas, a proposta político-pedagógica. Apesar das diferenças de cada área, nós temos a concepção maior de formação que é a cidadania. Tanto que o número de egressos têm aumentado muito significativamente nas empresas privadas, nos setores públicos e até mesmo na pós-graduação.

JG: Lígia, do que a senhora acredita que sentirá mais falta?

Durante o período da minha gestão, o trabalho foi realizado de forma colegiada. Você se envolve de forma profissional, mas não deixa de cingir de forma afetiva. Você acaba se articulando de forma mais pessoal e isso fará que eu sinta bastante falta. Mesmo me afastando de forma física, não me afastarei dos meus colegas de forma afetiva. ■



ANIMAR É EDUCAR

Projeto de animação para escolas é trazido para a Rural pelo curso de Belas Artes

► Por Gustavo Carvalho

Bagagem e experiência silvestre. Essas são as expressões que de Em 15 e 16 de fevereiro, aconteceu, nos câmpus Seropédica e Nova Iguaçu, o AnimEduca, projeto de extensão que promove a experiência com animação na UFRRJ. O evento trazido por Giselle Carvalho, professora substituta do curso de Belas Artes, com formação na mesma área e graduada em Design, contou com palestras, sessões gratuitas de curtas, oficinas, mesa redonda e *workshops*.

Giselle foi aluna do Anima Mundi – maior festival internacional de animação brasileiro, que oferece experiências para



Diversão. Todos os participantes do workshop se reuniram em roda para aprender a fazer uma animação em folha de papel.

animadores, educadores, produtores e fãs, desde 1993 –, e trabalha com eles desde a sua graduação. Dessa relação, que a formou profissionalmente e a pedidos de seus alunos e do orientador de mestrado, ela começou a fomentar a ideia de organizar um evento com a participação do projeto para trabalhar a animação como recurso pedagógico. Para isso, recebeu apoio tanto da Coordenação do curso de Belas Artes quanto do Departamento de Arte. Segundo Giselle, o projeto atua não somente no professor, como ferramenta, mas também no aluno, que tem contato com a técnica de animação e com a multimídia, além de completar:

“Eu vi os reflexos do projeto não só nos professores, que estão há dez anos promovendo e usando propostas de animação em sala de aula. Eu vi o reflexo nos alunos também. Tive a oportunidade de gerenciar uma turma de alunos que fizeram parte do projeto, alunos de oito a dez anos de idade. A gente fez um curta, que foi premiado. Foi pra mostra internacional.”

Clementino Júnior foi um dos professores no *workshop* que deu início ao evento, tem 48 anos e está com o Anima Mundi há 20 anos. Para ele, o Anima Escola trata de ampliar os horizontes, já o Anima Mundi foi a grande escola dos animadores em uma época que não tinha internet e tanto acesso às informações como atualmente:

“O Anima Mundi foi fundamental para

a formação de toda uma geração de animadores profissionais que existem hoje.”

Pâmela Peregrino também foi professora do *workshop*, tem 30 anos e está, desde 2012, no Anima Mundi. Ex-professora de História na rede pública, ela fez um curso à distância, da Fundação Cecierj, que se chamava “animando a sala de aula com *stop motion*”, uma técnica de animação muito usada com recursos de uma máquina fotográfica ou de um computador. A partir de então, ela descobriu esse mundo e se encantou.

Devido à sua formação como professora, Pâmela foi chamada para dar aulas no Anima Escola. Uma de suas frases mais marcantes durante o *workshop* foi:

“Animação é uma sequência de imagens. Você não cria do zero, mas a partir do que já existe, do que você conhece”.

UM GIRO PELO ANIMAEDUCA

Além do *workshop*, foram exibidas quatro sessões de curtas cedidas gratuitamente pela Associação Brasileira de Cinema de Animação. Os participantes também tiveram a oportunidade de colocar a mão na massa com as oficinas de massinha, *pixilation* e *zootrópio*. Cada uma das oficinas escolhidas tinha a orientação e supervisão dos alunos do curso de Belas Artes.

A mesa-redonda “Animação como recurso pedagógico” contou com a participação do idealizador do Anima Mundi, Marcos Magalhães. Por fim, houve um debate sobre “A Representatividade Negra no Cinema de Animação”. ■

Vários são os cursos oferecidos ao longo do ano, e os de animação são ministrados pelos próprios diretores. Para saber mais, acesse o site: animamundi.com.br.



Aprendizado. Professora Giselle Carvalho, da Belas Artes, estudou no Anima Mundi e trouxe o evento para a Universidade Rural.

GRUPO DE FÍSICA CRIA PROJETO DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA VOLTADO PARA PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECÍFICAS

► Por Gustavo Carvalho

Frederico Cruz entrou na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) como professor substituto em 2005 e se efetivou em 2009. No mesmo ano, organizou o I *Workshop* de Educação Inclusiva para o curso de Física. Segundo ele, não existia uma preocupação do seu Departamento em discutir questões de acessibilidade. Na época, a Universidade tinha poucos alunos com deficiência, e a ideia de fazer o evento surgiu para tentar entender e até mesmo saber como se comunicar e atender as necessidades que esses estudantes têm. E isso Frederico tem buscado até hoje: criar um ambiente em que qualquer aluno seja autônomo, a fim de integrar toda a Comunidade Acadêmica.

“Quando você cria uma universidade e você começa a pensar em produção de material didático que funciona para todo mundo, você não está integrando só o aluno com deficiência, você está integrando todo mundo. Inclusive o aluno que não tem deficiência”, opina o professor.

Quando a segregação é interrompida e as pessoas trabalham em conjunto, aquelas que não têm deficiência percebem que as outras não são diferentes; apenas possuem peculiaridades que não as impedem de estudar, trabalhar, ou se desenvolver tanto quanto as demais. Apesar de ter dado aula durante muitos anos na rede pública, Frederico não sabia praticamente nada sobre necessidades específicas. Então, ao vir para a Rural, se convenceu de que precisava aprender o máximo possível do assunto, e por isso fez o evento com a ajuda de um grupo de alunos. Para a sua surpresa, o I *Workshop* contou com a participação de mais de 180 pessoas, tanto de dentro da Universidade quanto de fora.

O *Workshop* foi tão importante para Frederico quanto para a Rural. Naquele primeiro contato, ainda em 2009, ele modificou não apenas a sua maneira de ver o ensino como tam-

bém a sua própria prática pedagógica, como o modo de falar e de exercer seu ofício. A partir de então, percebeu que a Universidade não só podia como também devia fazer mais. Ele vem se empenhando na produção de material didático e na tentativa de entender a realidade das pessoas com deficiência em de Seropédica e, inclusive, a identidade social do município a fim de “criar um ambiente favorável pra todo mundo estudar”.

O Grupo de Pesquisa em Ensino-Aprendizagem de Física é composto por quatro professores da graduação, três do curso de Física e um de Engenharia de Materiais, quatro alunos de mestrado, três da graduação e um colaborador. Além disso, há outros professores envolvidos com o Programa de Educação Tutorial (PET) da Física, onde Frederico foi tutor por quase cinco anos. Com a criação do *Workshop*, foi fomentada uma discussão dentro do Departamento de Física para que o quarto estágio do curso seja, obrigatoriamente, numa instituição de ensino com alunos deficientes. Para entender um pouco mais da situação, Frederico contextualiza:

“Na realidade, a Universidade não tem material adaptado ou bancadas adaptadas, por exemplo, pra um aluno que seja cadeirante. Então, hoje, um aluno que sofre um acidente e fica paraplégico, por exemplo, não tem as condições necessárias pro desenvolvimento e pra continuidade de seus estudos. Há a necessidade de se criar políticas dentro da Instituição.”

De acordo com Frederico, o Grupo de Ensino vem propondo alguns trabalhos que façam uso de *softwares* educativos com experimentos virtuais, para que o aluno com alguma impossibilidade de realizar o experimento real devido a alguma deficiência motora, por exemplo, possa ter uma atividade virtual que vai proporcioná-lo, inclusive, a obter o erro experimental. Assim, ele não fica prejudicado durante o processo educativo. Essas questões, porém, não são pensa-



Acessibilidade. Frederico mostra o resultado da produção de material didático adaptado das de formas reais pela Universidade.

“Existem políticas e professores que trabalham a sério com a inclusão dentro das universidades, mas nós nos esquecemos de fazer essas coisas antes do aluno chegar. A universidade tem que estar pronta pra receber esse aluno, tem que acolher. Então, repensar isso dentro da Universidade é um exercício quase que diário que nós temos feito aqui no grupo de ensino”, destaca Frederico.

Se há quem prefira estudar sozinho, por que seria diferente com quem tem alguma necessidade específica? Pensando nisso, hoje, as dissertações de mestrado existentes no Grupo de Ensino possuem um viés voltado para a produção de material adaptado. Para Frederico, é uma vitória diária ver seus alunos criarem uma consciência quanto à possibilidade de discutir inclusão para o estudante com deficiência e mostrar que é na diferença que se valida o comportamento:

“Se todos os alunos fossem iguais, eu não saberia se o que faço é certo ou errado. Eu só consigo me validar como pessoa quando eu convivo com as diferenças, porque nessa condição eu começo a entender algumas coisas. Se eu não tenho um aluno com deficiência dentro da universidade eu não meloro como professor, porque eu não mudo minha linguagem, não mudo meu método de avaliação, eu não mudo nada. Quando existe um aluno com defici-

ência, a universidade não está só contribuindo pra ele, mas contribuindo para os professores se aprimorarem também.”

O PODER DA INCLUSÃO

Alexandre também conta uma história sobre um amigo do grupo que era tutor do Cederj (ensino à distância) e tirava dúvidas pelo telefone. Certa vez, um rapaz ligou e falou que não estava entendendo vetores, mas quando o auxiliar ia começar a falar, ele completou dizendo ser deficiente visual. O tutor não sabia o que fazer e pediu que o rapaz ligasse no dia seguinte, pois daria um jeito.

“Meu amigo passou a madrugada pensando em como explicar vetores pra um aluno que não enxerga, mas ele encontrou uma solução. Pediu para o rapaz apontar o braço, explicou que tinha uma direção, um sentido, e ele conseguiu entender. Se ele não estivesse ali talvez não tivesse essa sacada de entender, de tentar se colocar no lugar do outro. A coisa mais importante do nosso *workshop* é isso.”

Vanessa Cristina da Silva Ferreira, 32 anos, está no sétimo período de Física, também pertence ao PET, recebeu uma bolsa do Santander Universidades e chegou a Portugal há poucas semanas, onde faz parte do grupo de pesquisa em ensino de física. A princípio, sua estadia na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto durará um período, mas ela pretende tentar ficar por um ano. Ela tem déficit de atenção e, no primeiro dia de aula do segundo período, foi atropelada por um carro que avançou em sua direção quando estava indo para a Rural. Por isso, ela precisou usar cadeira de rodas por um semestre. No período seguinte teve de reaprender a andar com duas muletas, depois com uma e, por fim, sem. E, foi nesse período, em que andava com apoio, que aconteceu o III *Workshop* de Física. Por mensagem, ela conta as principais dificuldades encontradas na Rural:

“No *workshop*, eu falei de todas as dificuldades que passei. A Rural não tem acessibilidade, e onde as pessoas acham que tem também está errado. O projeto é importantíssimo porque só através da divulgação as pessoas podem compreender certas diferenças e como funcionam algumas necessidades específicas. Eu, por exemplo, tenho uma redução da força e amplitude de movimento do tornozelo direito, que quebrou no acidente, e rampas são, às vezes, piores que as escadas para mim, porque geralmente a inclinação delas está totalmente errada.”

Vanessa só conseguiu permanecer na Rural graças àaju-



Educação. O Grupo de Física é um espaço igualitário que promove experiências e troca de conhecimento

VISIBILIDADE E DIVERSIDADE EM UM SÓ LUGAR

Comunidade LGBTQ+ da Rural luta para manter o seu espaço e ajudar a quem precisa

► Por Gustavo Carvalho

A universidade não é apenas uma instituição de ensino acadêmico, mas também de cunho pessoal e humanitário, que busca formar profissionais capacitados e seres humanos com empatia ao próximo. Tendo isso em vista, a Pró-Reitoria de Extensão (Proext) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) dá suporte, atualmente, a 28 grupos organizados e projetos de extensão, alguns desde a década de 80. Entre os grupos, há três de estudos, seis relacionados à militância, três de práticas específicas, cinco regionais/culturais, três religiosos/ecumênicos e oito empresas juniores. Um deles é o Coletivo Pontes de Diversidade Sexual e de Gênero, mais conhecido como Pontes. O grupo foi oficialmente criado em 28 de junho de 2006.

Wellton da Silva, ex-aluno da UFRRJ e membro do Pontes entre 2011 e 2015, conta um pouco sobre a origem do coletivo:

“O grupo surgiu, primeiramente, mediante casos de homofobia que aconteciam, principalmente nos alojamentos, e, por conseguinte, se consolidou buscando a união dos LGBTQ+ da Universidade pra se organizarem coletivamente”.



Mobilização. Amon Reis, Vinícius Andrade Brito e Diego Flores (esq. p/ dir.) reativaram o Coletivo Pontes

Na época, a ação partiu de alguns LGBTQ+ que faziam parte da gestão do Diretório Central dos Estudantes. Inicialmente, a ideia era de se fazer uma festa que reunisse essas pessoas em um lugar que todas se sentissem à vontade. Entretanto, foi muito além. A partir do evento, viu-se a necessidade de se organizar como um grupo, realmente, e outras

da de amigos e familiares, principalmente de sua mãe, que deu todo o suporte necessário para ela, inclusive, perdendo o medo de dirigir para longe a fim de levá-la às aulas. Para conseguir a bolsa do Santander, ela precisava ter, no mínimo, 40% do curso concluído e, com todo o apoio recebido, já tinha 48%. No entanto, Vanessa ficou com algumas sequelas após o acidente, dentre elas a limitação do movimento, inchaço e dor frequente. Além do mais, seu pé não estica direito e ela não tem força para manter o equilíbrio do corpo, então precisa se apoiar durante a locomoção, senão a perna falha e pode acabar caindo. Segundo ela, não é uma situação perceptível só de olhar, e por isso se sente constrangida quando está com dor ou em rampas e escadas, quando precisa andar mais devagar ou se segurando:

“As pessoas passam com pressa, e encarando, parece que acham que estou só atrapalhando a vida delas sem motivo.”

Mas foi depois do acidente que Vanessa descobriu ter déficit de atenção. Ao perceber o seu cansaço fora do comum por estar extremamente desconcentrada, ela perguntou a um professor de psicologia o que poderia ser e ele indicou que ela fosse ao Serviço de Psicologia Aplicada da UFRRJ. Lá, recebeu um papel com várias questões associadas ao comportamento de quem tem Transtorno do Déficit de Atenção (TDA). Como não era hiperativa, achou que não fosse possível ter essa condição, mas o seu TDA está relacionado à impulsividade. Por esse motivo, ela enfatiza a importância da divulgação sobre o assunto e de se aceitar:

“Você já está em uma situação delicada onde o mundo te limita, porque ter uma deficiência, transtorno, síndrome ou até mesmo um superávit não é o que te limita. Quem nos limita é o preconceito da sociedade em nos ver como coitados e incapazes. Eu não queria ter sofrido um acidente, mas sofri. Hoje, faço o possível pra me adaptar a minha nova condição, e vivo bem comigo mesma, gostaria que as outras pessoas também o fizessem.”

DISCUSSÃO GERA SOLUÇÃO

O Grupo de Ensino voltou, há pouco tempo, do Simpósio Nacional de Física, no município de São Carlos, em São Paulo. Ao todo, sete trabalhos com peso de artigo foram levados. A receptividade com as questões apresentadas foi enorme, prova de que a universidade é um lugar rico em ensinamentos e que o aprendizado se faz em conjunto. Por enquanto, a ideia de material adaptado só existe dentro do curso de Física, mas uma rampa, uma biblioteca e um laboratório apropriado são essenciais para a formação de alunos na graduação. Frederico Cruz completa:

“Nós não estamos pensando apenas no aluno com surdes ou cego, nós estamos pensando em todas as deficiências. Algumas coisas são mais imediatas. O que nós podemos fazer?”



Perseverança. Vanessa Crisna enfrentou alguns desafios para chegar à Universidade do Porto

Nós podemos fazer material adaptado, criar uma consciência de que é preciso adaptar, inclusive, nossas provas, em todos os níveis. O aluno com deficiência é tão produtivo quanto qualquer outro.”

Como professor, Frederico tem a missão de mudar a vida das pessoas, não pensar somente em sua carreira, mas, principalmente, no próximo. Para ele, não é uma obrigação. É fundamental ensinar e educar, independentemente de quaisquer escolhas pessoais ou religiosas e condições físicas ou mentais. Com a intenção de criar circunstâncias para que o estudante forme e aprenda o conteúdo efetivamente, Frederico elabora técnicas de comunicação alternativas:

“O aluno precisa tocar, entender o que é. O aluno precisa identificar e relacionar coisas. Assim, ele está te respondendo, mas sem precisar falar, dizendo com ação que aprendeu. Às vezes, para aluno que tem autismo, essa associabilidade é muito difícil. O professor tem que estar pronto pra isso. O aluno não fala apenas de uma forma. Eu acho que o grande segredo da nossa proposta é esse: buscar uma forma de interagir com o aluno que seja diferente, que saia do usual. Eu não vou esperar o aluno chegar pra fazer a proposta. Se chegar um aluno que tem alguma deficiência, alguma síndrome, o material já estará pronto. Inclusão é isso, permitir que todo mundo estude junto. Não é um método diferente pra um e um método diferente pra outro, é um método que serve pra todos, sem distinção.” ■



União. Membros do grupo se reúnem semanalmente para debater ideias e decidir os próximos passos a serem dados. Karen Marilyn é a terceira (dir. p/ esq.)

demandas, como as da semana de integração, a fim de fazer uma programação para calouros LGBTQ+. Com isso, o grupo foi se constituindo não apenas no sentido de militância, mas do próprio orgulho da diversidade.

Ainda de acordo com Wellton, um dos feitos mais marcantes do grupo foi a realização do Encontro Nacional em Universidades sobre Diversidade Sexual e de Gênero (ENUDESG), em 2012, na Rural. O encontro é um espaço de pluralidade no âmbito universitário, como forma de contribuir para a construção de conhecimento e desmistificação de preconceitos nessa área. Além disso, o Pontes também organizou seminários para debater a questão do direito LGBTQ+.

“Discutimos questões de adoção e outras questões relacionadas à perspectiva do direito. O grupo já ofereceu minicursos e oficinas fora da Universidade, e é muito atuante, até hoje, no encontro nacional em universidades sobre as diversidades sexuais e de gêneros”, afirma Wellton.

Amon Reis é do 13º período de Letras, Vinícius Andrade Brito do 11º de História e Diego Flores está no 10º de Veterinária, todos com 23 anos. Quando entraram no Pontes, o grupo era muito conhecido por causa das festas, por ter sido o primeiro a fazer uma festa LGBTQ+, mas se encontrava parado, em uma fase de pouca atividade. Por isso, depois de muito diálogo, eles decidiram começar a reativação do Coletivo, pois a intenção deles enquanto um grupo é “estar aqui para ouvir, para ajudar”.

Uma das ideias, propostas pelo grupo no período de Dezembro de 2016, foi a de tentar entrar em contato com os veteranos ou com os Diretórios Acadêmicos para conseguir um espaço e data para apresentar o grupo e suas formas de atuação na Rural. Precisar denunciar, desabafar ou simplesmente conversar, pode enviar um e-mail para: grupopontes28@gmail.com. Além

disso, há uma página ("Coletivo Pontes de Diversidade Sexual e de Gênero" - @GrupoPontesUFRRJ) e um perfil no Facebook ("Pontes UFRRJ") para contatar o Pontes.

Atualmente, o grupo é composto por 14 integrantes fixos, divididos igualmente entre homens e mulheres, sem hierarquia. Também conta com participação de outras pessoas nos encontros, que geralmente acontecem às quintas, entre 17h e 19h, no G-Terra. "Unindo as Diferenças" é o seu lema, e é justamente a união do Pontes é o que faz toda a diferença.

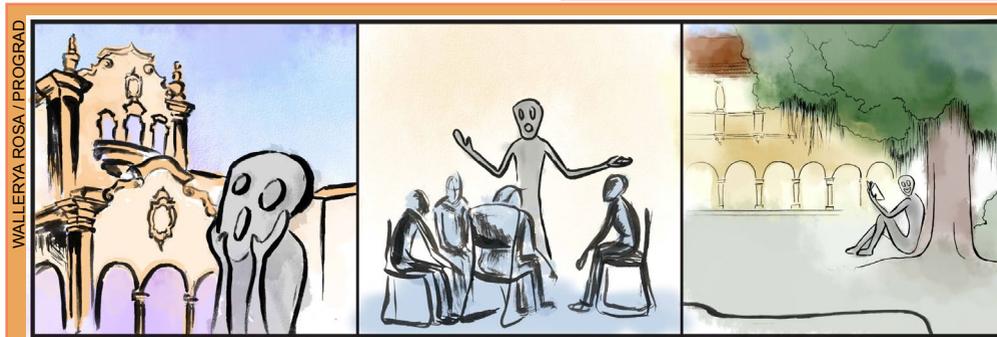
Karen Merilyn tem 21 anos, está no 5º período de Jornalismo e sempre quis participar do Pontes, porque queria ajudar a construir um espaço em que pudesse acolher os alu-

nos LGBTTs da Universidade e mostrar que o grupo existe apesar de todas as dificuldades, mas nunca conseguia conciliar seus horários com os das reuniões. No começo de 2016, porém, ela encontrou uma brecha na sua agenda e compareceu ao encontro onde, segundo ela, foi bem recebida:

"Eu me senti tão acolhida e tão bem por estar dentro de um coletivo que luta pelo nosso espaço que eu nunca mais saí. O Pontes é tipo uma família, sabe? A gente tá sempre ali uns para os outros, seja pra desabafar, discutir alguma coisa que tenha acontecido ou só rir um pouco mesmo."

A seu ver, os coletivos são fundamentais para uma universidade porque fazem parte da formação humana, deixar o ambiente acadêmico mais descontraído, e também pelo acolhimento que podem proporcionar:

"Muitas pessoas chegam à Universidade e ainda não contaram que são LGBTTs para os pais e amigos. Caso aconteça algo com uma pessoa nessa situação, ela, às vezes, não conseguirá contar sobre o ocorrido pra alguém pelo fato de não ser assumida ou por outro motivo qualquer. Sabendo que nós somos como ela e que vamos dar todo o suporte possível na ocorrência de algum episódio infeliz, isso a deixará mais segura para conversar, para denunciar. Além disso, essa pessoa poderá aprender mais sobre si mesma e conhecer pessoas que passaram por situações parecidas. Gente capaz de entender o que ela tem para dizer." ■



Os encontros são sigilosos para o estudante se sentir mais a vontade. Por esse motivo, não entrevistamos nenhum cliente. Pelas mesmas questões de confidencialidade, não registramos imagens sobre o atendimento. Os nomes dos participantes do projeto também são mantidos em sigilo, a fim de preservar suas identidades.

proporciona encontros durante o período, em grupos, para que o graduando compartilhe seus sentimentos com outros discentes. Juntos, eles buscarão encontrar alternativas para resolver tais problemas.

Criado em 2016, o projeto tem como objetivo auxiliar de forma psicológica os alunos recém-chegados à Universidade. O projeto conta com supervisão da professora de Psicologia Carla Cristine. Ela criou o projeto ao observar a carência e o isolamento que atingiam alguns alunos alojados na Residência Estudantil.

O projeto começou justamente dentro do Alojamento, mas, com o passar do tempo, alguns alunos que moram em repúblicas estudantis, nos arredores da Universidade, e aqueles que enfrentam horas no trânsito até chegar à Rural também se depararam com situações, algumas delas semelhantes aos alojados, que atrapalhavam suas vidas acadêmicas e pessoais. A partir dessa defasagem, o Habitar Psi ampliou o seu projeto e, atualmente, podem ajudar os estudantes de diversas formas.

O projeto realiza uma média de seis a oito encontros semestrais. Nessas reuniões, além de serem feitas dinâmicas, também são abordadas diversas temáticas para discussão em grupo. Isso permite ao cliente - como são chamados os participantes - encarar de outra forma as situações difíceis que ele encontra no decorrer de sua graduação e em outras áreas de sua vida pessoal e até profissional.

Nos casos em que algum aluno chega

mais debilitado para os encontros, o Habitar Psi toma determinadas providências, como comenta Carla Vicente:

"Quando o graduando chega ao grupo se sentindo mais deprimido, o Habitar Psi encaminhará essa pessoa para um dos serviços de Psicologia da Universidade. Ou seja, o projeto é como se fosse uma porta de entrada."

No projeto, a professora responsável conta com o apoio de quatro bolsistas do curso de Psicologia que atendem de dez a quinze clientes por grupo. Os colaboradores, além de ajudar diretamente no projeto, podem acompanhar mais de perto a rotina profissional de um psicólogo. Assim eles crescem academicamente e têm um olhar mais técnico da profissão.

"Para os alunos de Psicologia o projeto também é excelente, pois eles aprendem na prática. Eles acompanham todo o início do projeto e semanalmente contam com a minha supervisão. Eles comentam como eles agiram e como ocorreram as sessões e sugerem possíveis melhorias. A partir disso, vou dando as orientações no decorrer do período para eles. Isso acaba se tornando uma experiência de estágio e profissional", afirma Carla.

Com as experiências compartilhadas no Habitar, os clientes acabam tendo o poder de "empoderamento" adquirido ao longo das sessões. E para a professora Carla Vicente, que também ministra uma disciplina de dinâmica de grupo, todo encerramento de período se torna gratificante, uma vez que tanto o seu trabalho de campo quanto o aparato do setor de Assistência Estudantil tornaram o projeto satisfatório.

"Ao longo desse trabalho, eu noto que os alunos ganham maturidade e ficam mais felizes para viver a Universidade. Na disciplina Dinâmica de Grupo, eu dou aula para diversos estudantes e ouvia as pessoas falarem de outros alunos com problemas ou até mesmo desadaptados. No começo, não podia ajudar em algo, mas a partir desse projeto eu já sei para onde encaminhá-lo", conclui Carla. ■



Resistência. Durante evento, os participantes debateram sobre a representatividade dos LGBTTs
29 de janeiro é o Dia da Visibilidade Trans no Brasil. Para comemorar e instruir, o Coletivo Pontes, em parceria a Associação dos Docentes da UFRRJ (Adur-RJ), promoveram a I Semana de Visibilidade Trans da Rural para toda a Comunidade Universitária e do município de Seropédica. O evento, que teve como tema a "Inclusão e vivência da população "transvestigênera", propôs discutir a invisibilidade e resistência da comunidade LGBTT, contou com palestras, sarau e apresentação de uma cartilha.



HABITAR PSI: O ALUNO HABITA EM SUA MORADIA E VIVE A UNIVERSIDADE

► Eduardo de Oliveira

A conquista da tão sonhada vaga em uma universidade pública representa o início da independência para muitos jovens, especialmente aqueles que, durante o curso, deixam de morar com seus familiares. A nova rotina de conciliar as atividades acadêmicas, os fazeres domésticos, as confraternizações sociais com novos amigos e diversos outros

desafios, como a distância da família, podem trazer consequências negativas para alguns estudantes que não conseguem lidar muito bem com determinadas situações. Com o intuito de fazer com que um aluno nesse contexto se sinta bem e a vontade com as novas responsabilidades, o projeto Habitar Psi

REITORIA E PROGRAD DÃO BOAS-VINDAS AOS CALOUROS DE 2017-1

GUSTAVO CARVALHO / PROGRAD



Presença. Centenas de ingressantes compareceram e participaram dos eventos oficiais de recepção da UFRRJ

A Reitoria da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, juntamente com sua Pró-Reitoria de Graduação e as direções dos institutos Multidisciplinar e Três Rios, realizaram suas Aulas Magnas nos dias 21 e 22 de março. O evento oficial de recepção dos ingressantes do primeiro semestre letivo de 2017 da Rural contou com a participação da atual gestão, liderada pelo magnífico reitor, Ricardo Luís Louro Berbara, e pela gestão anterior que tinha a professora, Ana Dantas, ocupando o principal cargo de gestão da UFRRJ.

No Câmpus de Seropédica, a cerimônia ocorreu em dois horários distintos, às 10h e às 18h, de acordo com o turno dos cursos. Com centenas de pessoas participando do evento no auditório Gustavo Dutra, no Pavilhão Central, a Aula Magna debateu o tema “Universidade: Educação e Gênero”.

Ana Maria Dantas Soares iniciou dando as boas-vindas aos presentes, em seu último ato solene como reitora da Instituição. A mesa também foi composta pela então pró-reitora de Graduação, Lígia Machado, e pelo atual pró-reitor de Extensão, Roberto Carlos Lelis, que era pró-reitor de pesquisa e pós-graduação na gestão de Ana Dantas. Completando a mesa diretora, estavam o novo reitor, Ricardo Berbara, que tomou posse do cargo no dia seguinte (21), em Brasília; o pró-reitor de Graduação, Joecildo Francisco Rocha e o pró-reitor de Assuntos Estudantis, César Augusto da Ros, que ocupou o mesmo cargo na gestão anterior.

Mencionando a incerteza dos tempos políticos em que vivemos, Ana Dantas discursou um pouco sobre como foi comandar a Rural nos últimos quatro anos. Toda a vivência universitária, para além do seu currículo obrigatório, foi frisada, desde a produção científica à importância dos programas acadêmicos como PET, Parfor e Pibid, por Lelis. Segundo Lígia Machado, o ingressante deve aproveitar todas as oportunidades afetivas, formativas e políticas que a universidade tem a oferecer, e “beber dessas tantas fontes.”

A professora Denise Sepulveda, palestrante da Aula Magna na manhã, em Seropédica, foi ovacionada pela abertura do

seu discurso sobre o tema e falou sobre as relações de gêneros na escola e na vida. Também explicou a diferença entre gênero, sexualidade e sexo, e debateu acerca de muitas outras questões na sociedade atual, especialmente na vertente da educação pública. Antes, porém, Ricardo Berbara, havia deixado suas palavras ecoando na cabeça dos que ali se faziam presentes:

“Se nós observarmos o planeta, vamos perceber que o que está acontecendo no Brasil é quase como um reflexo de mudanças estruturais no âmbito da cultura muito mais do que no âmbito puramente ideológico, que diz respeito a como cada um de nós se relaciona com o outro, seja individualmente ou no plano coletivo. Cada vez mais nós nos separamos do outro. E quem é o outro? É tudo aquilo que não é igual a nós. Tudo que é outro passa a ser o antagonístico.”

A Aula Magna da noite, em Seropédica, contou com a professora da Educação do Campo Joselina da Silva, que, além de tratar sobre a educação e gênero também discursou sobre raça e cor.

NOVA IGUAÇU E TRÊS RIOS

No Instituto Multidisciplinar (IM), em Nova Iguaçu, o professor Jonas Alves da Silva Junior e a transexual Maria Eduarda Aguiar foram os responsáveis por trazerem a temática “Universidade: Educação e Gênero” aos ingressantes. O evento, a exemplo de Seropédica, também contou com a participação de membros da atual e da gestão anterior da UFRRJ.

Em Três Rios a temática foi outra. O Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da UFRRJ (Nai-Rural) trouxe a acessibilidade e as dificuldades das pessoas com necessidades especiais ao ingressarem no Ensino Superior para ser debatido. Gestores da Administração Central atual e anterior também receberam os novos membros da Comunidade Estudantil da UFRRJ. ■